

EDITORIAL

Eis a parte II do Dossiê e, com ele, mais artigos de temáticas livres, a concluir o volume 28 de Numen.

O primeiro artigo, intitulado “Mito, história e sociedade: aspectos teóricos e horizontes de pesquisa”, de Alexandre de Jesus dos Prazeres, cai como uma luva em revista da área de Ciência da Religião e se mostra como aporte teórico e de reflexão para a pessoa que se embrenha nas sutilezas hermenêuticas concernentes aos estudos de religião. Ao abordar as relações entre mito, história e sociedade, traz à baila temas sensíveis – e tantas vezes disputados – sobre a conceituação de tais temas, bem como das intersecções entre eles. Assim, o texto se inscreve em matiz mais epistemológico, pois, afinal, a clareza epistemológica e conceitual deve ser a base, o ponto de partida, de pesquisas que abracem o tema da religião, bem como qualquer outro objeto de pesquisa.

Há quem diga, porém, que a realidade é mais complexa do que as teorias sobre ela. Embora nos pareça, tal afirmação, falaciosa oposição, é preciso – *grasso modo* – concordar com Hamlet, de Shakespeare, em sua célebre asserção de que “Há mais coisas no céu e terra, Horácio, do que foram sonhadas na sua filosofia”. Talvez a religião popular, aquela que Michel de Certeau dizia que o povo fazia da que a tinha sido dada, seja sinal do aparente conflito entre as teorias e a realidade. Fato é que Fábio José Brito dos Santos, no seu texto “Foliões do quilombo Carrazedo: catolicismo popular, hierofania e seus instrumentos sagrados” revela-nos a riqueza de uma das variadas faces de religiões populares que, por entre cruzamentos vários, dá ao pesquisador vertigens para classificações que se queiram exatas. Seja como for, coisa certa é que a religião – particularmente aquela sincrética do povo (e não somos nós também “povo”, incluso o pesquisador?) –, faz-nos pensar e sempre problematizar nossas teorias costumeiramente bem arrumadas.

“A razão é uma prostituta”! Aqui também Lutero aparece nos imbróglios entre teoria e prática, conceito e vida. A *via antiga*, aristotélico-tomista, sempre teve a desconfiança, senão a severa crítica, de Lutero. Assim, pessoas também encarnam possíveis – reais ou falaciosas – pendengas entre conhecimento e vida. Para nós, como já dito, tal conflito é mais aparente que real, “pero que los hay, las hay”, conforme o velho e satírico mote. Lutero somente lutava com a bruxa grega – ressuscitada na segunda Escolástica pelo Aquinate –, ou seu pensamento e vida, a respeito do tema, era mais cheio de nuances do que supõe nossa nem tão vã visão filosófica sobre ele? Jonathan Alves Ferreira de Sousa, no artigo “Entre bruxas e cruzeiros ou sobre como Lutero lidou com a ‘prostituta grega’”, busca problematizar a questão, revelando Lutero sendo Lutero, ou seja, um homem de paradoxos que, até hoje, acende lumes de apaixonados debates sobre si e que, como a Esfinge de Tebas, pede para ser decifrado.

Finalmente chegamos ao artigo de Roberto Serafim Simões, de seu nome “Yogas no Brasil: biografia, influências, repercussão e legado de cinco experiências”. Os estudos de religião também são feitos de mapas que ajudam a que tenhamos visão panorâmica sobre determinados temas. O artigo em tela parece ser um de tais mapas, cartografia referente à Yoga no Brasil. O autor parte do pressuposto de que, desvinculadas de suas origens geográficas e religiosas, é dizer de seu *terroir*, algumas escolas ou práticas de Yoga no Brasil foram acometidas do que – licenças pedidas ao autor – julgo, com Mário de Andrade e Pierre Sanchis –, antropofagias culturais e subjetivas. É o *Karma* de toda religião ou prática com origens religiosas transplantadas para outras latitudes e que carece da normatividade vigilante

de uma instituição que a pretenda unificar. A Índia no Brasil não escapa a tal “destino manifesto” tão nosso.

O leitor e a leitora das páginas dos artigos aqui apresentados terão, por certo, boas letras e bons caminhos para entender – ou desentender – as religiões em suas ligeirezas e em suas permanências.

Prof. Dr. Rodrigo Portella

Editor da Revista

Gabriel Monteiro Vale

Jungley Torres Neto

Luana Alves

Luana de Almeida Telles

Túlio Fernandes Brum de Toledo

Equipe editorial